



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Retrato distópico

Na década de 1980, o artista plástico Wagner Hermusche realizou uma série memorável de gravuras sobre as noites brasileiras. Era uma visão lírica e bucólica da abóbada celeste, com os sinais elétricos, o lugar do sertão, as antenas parabólicas em cima dos prédios e as luzes refratadas pelos carros ou pelos outdoors do Conjunto Nacional.

Eu acho que em Brasília somos tomados por uma força gravitacional que nos leva a olhar para o alto e a contem-

plar o firmamento. Raramente, miramos o chão esturricado. Talvez em nenhuma outra cidade as pessoas mantenham uma interação tão próxima e tão intensa com a esfera celeste. Em vez da transparência diurna, Hermusche prefere a magnitude das noites brasileiras, com seu silêncio espacial.

O shopping Conjunto Nacional, as avenidas largas, os postes de iluminação branca, os painéis luminosos, os viadutos monumentais e a vastidão azulada do céu se estilhaçam em uma visão lisérgica. Se Renato Russo tivesse habilidade plástica, ele se expressaria com essa linguagem elétrica. Hermusche insinua rock n'roll no concreto e no vazio de Brasília.

Hermusche pinta como se fizesse um

solo de guitarra da Legião Urbana ou do Led Zeppelin. As gravuras projetam uma infinidade de gradações de cores do firmamento no planalto central. O talento de Hermusche é de desenhista e de colorista. As suas gravuras transmitem uma radiação de alegria e um traço nervoso, inconcluso e rasurado.

Na passagem de um ano-novo, muito antes da pandemia, Hermusche foi convidado por amigos a passar a noite de réveillon numa casa em Búzios. Chegou à noite, entrou na sala devagar, com o senso de observação oriental ligado e, de repente, levou um susto.

O pai dos donos da casa havia morado em Brasília e formado uma coleção de oito gravuras sobre a cidade. Ninguém acreditou quando Hermusche anunciou:

"Mas essas gravuras são minhas!". As noites brasileiras cintilavam nas paredes.

Hermusche sempre viveu meio confinado em uma chácara próximo ao Paranoá. Mas, com a pandemia, ele pôde trabalhar mais concentradamente e retomou a série Ruídos Contemporâneos, em que Brasília não é mais abordada de um ponto de vista lírico. A cidade aparece como cenário para as grandes questões contemporâneas encenadas em alta voltagem dramática.

A política de desinformação é revelada nas avenidas sob o sobrevoo dos drones e satélites. Uma figura rodopia no espaço sugado pelo vórtice das logomarcas das grandes corporações. Atiradores de elite se posicionam em pontos estratégicos no alto dos prédios ao lado dos ur-

bus. Os índios são armados de fuzis de alto calibre andando pelas florestas. Excelências vestidas em ternos e tailleurs impecáveis desfilam de motosserras posantes pela Esplanada dos Ministérios, indicando a ameaça do desmatamento.

Tudo tem o ritmo nervoso, visceral e sensorial das narrativas de histórias em quadrinhos ou dos grafites. Hermusche sempre infiltra um sinal da destruição da natureza nas ficções encenadas no espaço urbano. As peles de animais reaparecem nos casacos das madames. As pinturas de Hermusche nos revelam a representação da loucura que vivemos no instante de maior distopia do Brasil e, por consequência, de Brasília. A série é um retrato estilhaçado e dilacerado da anti-Brasília e o anti-Brasil.

POLÍTICAS PÚBLICAS / Audiência pública discute o plano que define a destinação de áreas conforme a finalidade, tais como moradia, comércio, indústria e agricultura. Meio ambiente e regularização fundiária também foram temas de debate

Avança debate sobre o PDOT

» AILIM CABRAL
» DAVI CRUZ

A primeira audiência pública da revisão do Plano Diretor de Ordenamento Territorial (PDOT) reuniu mais de 300 pessoas ontem no auditório do Museu Nacional da República. O encontro foi promovido pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Habitação (Seduh), para apresentar o diagnóstico de território. Os aspectos mais destacados pelos participantes e representantes da sociedade civil foram a preservação ambiental e a regularização fundiária.

Ao **Correio**, o secretário Marcelo Vaz afirmou ainda que plano diretor precisa dialogar com as demais pastas e com a sociedade civil para conseguir entender o que acontece no território e de que forma o Estado pode agir para manter o equilíbrio entre a urbanização e a manutenção do meio ambiente. "Faremos um levantamento desses aspectos ambientais. Eles serão levados em consideração na construção desse PDOT para refletirmos as necessidades da população e para que preserve o que é necessário no DF", explicou.

O diagnóstico foi elaborado a partir das visitas técnicas e das audiências públicas em todas as regiões administrativas do Distrito Federal. De acordo com o secretário Marcelo Vaz, o PDOT precisa conter todas as definições de plano macro da cidade e qual o vetor de crescimento do DF para os pró-



Minervino Júnior/CB/D.A.Press

Audiência pública sobre o PDOT reuniu mais de 300 pessoas. Maiores destaques foram a preservação ambiental e a regularização fundiária

ximos 10 anos. Ele completou que o PDOT tem buscado identificar alterações de macrozoneamento, quais são as zonas rurais e urbanas, para fazer a regulação dessas áreas.

Participação

Na audiência pública, organizações socioambientais destacaram

a necessidade de observar pontos sobre a proteção do meio ambiente. O advogado Thor Ribeiro, 43, faz parte do movimento que reivindica a manutenção do zoneamento rural e é contrário aos parcelamentos clandestinos. "Se nós não lutarmos pelos nossos objetivos, vamos ficar à mercê das decisões do poder público", disse.

O sociólogo Angelo Moreira, 28, faz parte da Coordenação Colegiada da Nacional da Alternativa Terra Azul. A organização, com 25 anos de atuação no Brasil, conta com núcleo dedicado ao DF. "Se a gente não lutar hoje, vamos abrir as portas para 10 anos de destruição", avaliou, enfatizando a importância da participação da sociedade. "Es-

tivemos presentes em todas as audiências públicas que fizemos em todas as regionais e é fundamental estarmos aqui", comentou.

Instrumento

O PDOT é o instrumento básico da política territorial e de orientação aos agentes públicos

e privados que atuam na produção e gestão das localidades urbanas, de expansão urbana e rural do território do Distrito Federal. É ele que define quais áreas são destinadas à moradia, à agricultura, ao comércio e à indústria, entre outros usos. O plano atual é de 2009 e há necessidade de revisão a cada 10 anos. Essa última teve início em 2009, mas, devido à pandemia, foi interrompida.

A ideia inicial era encerrar a etapa de diagnóstico da revisão do plano diretor, mas na abertura do encontro, o secretário Marcelo Vaz explicou que os dados ainda não foram tratados a ponto de fechá-lo. "Conversei ontem (sexta-feira) com o promotor público e decidimos não encerrar a etapa de diagnóstico nesta audiência. Queremos não apenas apresentar dados, mas, sim, refletir sobre eles", destacou o secretário.

Nova audiência

Para aprofundar o debate, está prevista, para o segundo semestre, a realização de uma nova audiência pública. Depois, será divulgado o prognóstico do processo de revisão e serão promovidos 62 encontros com a sociedade civil, sendo 35 delas nas regiões administrativas.

Ainda não há um cronograma estabelecido, mas a previsão da Seduh é que o texto esteja pronto para enviar à Câmara Legislativa no primeiro semestre de 2025.

Agência Brasília/Divulgação

MORADIA

GDF passa marca de 8 mil unidades

O Governo do Distrito Federal ultrapassou a marca de 8 mil unidades habitacionais entregues à população desde 2019, o que significa um novo lar para cerca de 32 mil pessoas, segundo dados do GDF. O número foi superado ontem, após a entrega de mais 50 apartamentos na região de Samambaia, chegando aos 8.009 imóveis, com investimento de R\$ 2,2 bilhões.

A governadora em exercício, Celine Leão, observou que o GDF buscou tornar possível o sonho da casa própria para a população do DF. Ela ainda ressaltou que o terreno do empreendimento lança-

do ontem foi cedido e construído como subsídio do governo. O objetivo foi garantir que os apartamentos tivessem preço acessível à comunidade.

Segundo a governadora em exercício, o GDF investiu R\$ 15 milhões para que as pessoas conseguissem ter acesso à moradia por um preço justo na região. Celine declarou que o governo sabe a importância para uma família da aquisição da casa própria e de sair do aluguel. "É uma alegria perceber a felicidade das pessoas após a conquista da residência."

No Residencial Ruth, em Samambaia, foram investidos mais

de R\$ 10,8 milhões com geração de 150 empregos diretos. O tamanho dos apartamentos varia de 47,62 m² a 56,21 m². As unidades do local dispõem de dois quartos, banheiro, sala e varanda. Elas foram destinadas aos candidatos inscritos na Companhia de Desenvolvimento Habitacional do DF (Cohab) com renda entre R\$ 1.800 e 12 salários mínimos.

O prédio também conta com cobertura coletiva, elevadores, garagem e bicicletário. Segundo João Eduardo Moraes, engenheiro da Prospec, construtora responsável pela obra, a região é muito boa e oferece benefícios como proximidade à estação de metrô e da Administração de Samambaia. De acordo com ele, a área é nobre e tem um grande potencial de crescimento.

O diretor-presidente da Cohab, Marcelo Fagundes, destaca que o GDF trabalha para contemplar, especialmente, as pessoas que mais necessitam de uma moradia, mas levando em consideração a história e os vínculos que elas têm com as regiões do DF. Segundo ele, o objetivo é oferecer dignidade, segurança e qualidade de vida à população.

A entrega de unidades habitacionais é uma das ações que o GDF realiza em prol da popu-



Celine Leão na inauguração do Residencial Ruth, em Samambaia

lação que deseja conquistar sua moradia. Na última semana, por exemplo, foram entregues os primeiros subsídios do programa

Morar DF, por meio do qual famílias de baixa renda receberam R\$ 15 mil para custearem a entrada da casa própria. (DC)

Obituário

Envie uma foto e um texto de no máximo três linhas sobre o seu ente querido para: SIG, Quadra 2, Lote 340, Setor Gráfico. Ou pelo e-mail: cidades.dfg@dabr.com.br

Sepultamentos realizados em 29 de junho de 2024

» Campo da Esperança

Antônio Carlos Munim Baima, 43 anos
Celenita Mendes Carvalho, 78 anos
Claudio da Silva Lopes, 82 anos
Edith Franco Junqueira, 88 anos
Edson Augusto da Silva, 75 anos
João Bosco de Medeiros Dantas, 74 anos

José Matheus Freitas Cavalcante, menos de 1 ano
Luciana Lopes da Paz, 45 anos
Luciano Milhomens do Amaral Filho, 24 anos
Maria Barbosa de Sousa, 95 anos
Rita Lucicleide Silva de Souza, 64 anos
Sueli Andrade Trindade, 59 anos
Valeria Leite Cardoso, 61 anos

» Taguatinga

Agnaldo Donato Lemos da Silva, 55 anos
Antônio José de Carvalho, 86 anos
Aronaldo Barros Lima, 53 anos
Clarisminda Tavares Eller, 100 anos
Evanildo Rodrigues de Sousa, 65 anos
Francisco das Chagas Silva, 77 anos
Gustavo Damião Ivanovich de Souza, 19 anos
Hilda Morais da Silva, 48 anos

José Raimundo Pereira da Silva, 67 anos
Lourdes Monteiro, 84 anos
Mara Cristina Vicente, 66 anos
Maria do Amparo Gomes Leitão, 90 anos
Mario da Encarnação Catarino, 95 anos
Milena Nunes Lemes Santos, 31 anos
Patrícia Valéria Rodrigues dos Santos, 53 anos
Sebastião Lima Soares, 94 anos

» Gama

Cícero Lourenço da Silva Neto, 73 anos
Delmina Julia da Conceição, 90 anos
Josefa Coelho Bezerra, 74 anos
Luiz Ferreira dos Santos, 84 anos
Maria de Lourdes Alexandre da Silva, 58 anos

» Planaltina

Luiz Carlos da Silva, 62 anos

» Sobradinho

Nilza Fradique Braga, 84 anos
Valeria Celine Ferreira Conrado, 61 anos

» Jardim Metropolitano

Darcy José Lacerda Araújo, 71 anos
Pedro Paulo Gonçalves, 52 anos
Jany Francisca de Moura, 63 anos
Cássio Rodrigues da Cunha, 83 anos
Suzette de Sousa Lopes, 103 anos